



BARROZO, Victor Breno Farias. Modernidade religiosa: memória, transmissão e emoção no pensamento de Danièle Hervieu-Léger. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. 140 p.

Fabiano Victor Campos*

Com o seu advento, a época moderna acarretou mudanças profundas nos diversos estratos da cultura, inclusive na esfera religiosa. Os impactos sobre o âmbito religioso conduziram os bem pensantes a refletir sobre a questão da relação entre a modernidade e a religião. Essa relação tornou-se objeto de posicionamentos teóricos distintos, não apenas divergentes, mas antagônicos entre si. Por um lado, anunciou-se que os ventos secularizantes da modernidade varreriam definitivamente a religião do mundo humano, de modo que a ciência, alçada sob a égide da razão instrumental, seria enfim erigida em trono inexpugnável. As décadas de 60 e 70 testemunharam o auge desse movimento de secularização. Todavia, os anos seguintes assistiram à emergência de um novo cenário, marcado pela presença do religioso em novos itinerários. Face ao fenômeno da secularização, pressentido como inexorável pelos arautos da modernidade, proclamou-se o “retorno” ou “renascimento” da religião com base no surgimento dos chamados novos movimentos religiosos. Deste modo, no âmbito das reflexões desencadeadas sobretudo pelas pesquisas sociológicas, as posições interpretativas polarizaram-se entre o paradigma da secularização, que apregoava uma progressiva e irrefreável erradicação da religião, e a hipótese de uma espécie de desforra do sagrado ou

Resenha recebida em 28 de agosto de 2014 e aprovada 19 de setembro de 2014.

* Doutorando e Mestre em Ciências da Religião. País de origem: Brasil. E-mail: fvcampos@hotmail.com.

processo de dessecularização que, por sua vez, refutaria o prognóstico anterior. Entretanto, a questão revelou-se bem mais complexa, não podendo ser resumida numa simples inversão ou sobreposição de acontecimentos, como se a emergência dos novos movimentos religiosos significasse uma mera “revanche de Deus”, segundo a letra de Kepel, ou o ressoar de um “rumor de anjos”, conforme a expressão de Peter Berger, a abalar o silêncio agonizante dos tempos secularizantes de outrora.

Na tentativa de superação do antagonismo inerente a essas interpretações do fenômeno religioso no contexto da modernidade, inscreve-se a reflexão da socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger. Na senda aberta por cientistas sociais da “escola francesa” que se debruçaram sobre o fenômeno religioso – sejam citados os nomes de Durkheim, Mauss, Griaule, Leenhardt, Bastide e Desroche –, desponta e afirma-se na atualidade o pensamento dessa autora como uma referência indispensável para a análise das relações que se estabelecem entre a modernidade e a religião. Outrora presidenta da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* e diretora da revista *Archives des Sciences Sociales des Religions*, além de atual pesquisadora do *Groupe de Sociologie des Religions do Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS-Paris), Hervieu-Léger vem se destacando entre os contemporâneos sociólogos da religião que investigam as novas configurações religiosas da modernidade tardia.

Entre outros importantes estudos nacionais sobre o pensamento dessa autora francesa, desenvolvidos no âmbito das reflexões levadas a termo pelas Ciências da Religião e pela Teologia, insere-se o livro de Victor Barrozo, mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e teólogo. Barrozo aventa perscrutar o pensamento hervieu-légeriano a partir da ideia de “modernidade religiosa” que, a seus olhos, constitui o núcleo conceptual que aglutina as linhas fundamentais da reflexão sociológica empreendida pela autora francesa. Para tal, propõe caracterizar este conceito-chave a partir de três noções basilares do pensamento da socióloga francesa: memória, transmissão e

emoção. De fato, o intérprete não analisa a totalidade da teoria sociológica da religião de Hervieu-Léger. Sua proposta, antes, é bem mais modesta, limitando-se a explicitar o pensamento da autora francesa a partir da supracitada categoria. Todavia, o estudo empreendido por esse jovem pesquisador não deixa de contribuir e de somar-se a outros já empreendidos em âmbito nacional, dada a consistência e a agudeza de suas análises.

Para levar a cabo o seu propósito, Barrozo inaugura o seu estudo estabelecendo a compreensão da autora francesa acerca da relação entre religião e modernidade. Com perspicácia e precisão, destaca a singularidade do pensamento hervieu-légeriano em relação às interpretações sociológicas clássicas do fenômeno religioso no contexto da modernidade, sublinhando que ela se constitui justamente na articulação de perspectivas teóricas da sociologia da religião até então antagônicas entre si. De fato, como bem demonstra o estudioso, o que Hervieu-Léger identifica é um paradoxo instaurado no próprio cerne da sociedade moderna que, ao procurar minar o domínio das instituições religiosas sobre os indivíduos, abre espaço para a emergência de novas construções religiosas. E isto acontece porque a modernidade, ao pretender abolir a religião enquanto sistema de significados e mola propulsora dos esforços humanos, erige o espaço-tempo de uma utopia que permanece em estreita afinidade com a problemática religiosa da realização e da salvação. Por um lado, a modernidade secularizadora suscita expectativas, tais como a realização ilimitada do indivíduo e a satisfação de todas as suas necessidades; mas, por outro, ela se mostra incapaz de responder aos apelos por ela engendrados. Deste modo, ela cria as condições utópicas propícias à expansão das crenças, que se erguem sob a proposta de satisfazer os anseios despertados pelo próprio movimento moderno secularizante. Neste processo, os indivíduos são levados a construir a sua própria fé, longe da tutela e da sanção das instituições religiosas, num contínuo processo de bricolagens e desregulação das práticas e vivências outrora normatizadas, institucionalizadas. Segundo esta chave hermenêutica, a secularização não deve ser, portanto, simplesmente identificada

como uma perda da religião no mundo moderno, mas como um processo de “recomposição” das crenças. O livro de Barrozo tem o mérito de apresentar esse nexos entre a modernidade e a permanência da religião postulado pela pensadora francesa. Demonstra, de modo preciso, o referido aspecto de desregulação religiosa desencadeada pelos processos de individualização e subjetivação das crenças, bem como o seu desenrolar sob a forma da emergência de duas figuras arquetípicas, o peregrino e o convertido, que protagonizam este novo cenário religioso e que intitulam uma obra notável de Hervieu-Léger. Dada a relevância dessas figuras para se compreender as formas religiosas assumidas pelo homem moderno, Barrozo debruça-se sobre a sua caracterização. Com efeito, como bem sublinha o intérprete, Hervieu-Léger entende que, com o processo de “desterritorialização” das pertencas comunitárias, a paisagem religiosa ganha novo sujeito. A figura do praticante regular cede visibilidade à do peregrino. Ao contrário daquela, esta última traz consigo as marcas da mobilidade construída a partir de experiências pessoais. O peregrino emerge como aquele que caminha por entre os meandros das diversas propostas que constituem o mosaico do campo religioso hodierno, transitando de uma religião para outra ou tecendo sua própria composição religiosa com elementos de uma ou mais propostas. De fato, o que caracteriza o peregrino em sua forma paradigmática é o fato de que ele não constrói sua identidade religiosa a partir do vínculo entre crença e pertença a uma instituição religiosa, tal como o praticante regular, mas, ao contrário, compõe suas crenças de forma subjetiva e arbitrária. Ele apresenta-se, assim, como uma figura típica do religioso em movimento, num duplo sentido: metaforiza a fluidez dos percursos espirituais individuais e uma forma de sociabilidade religiosa em plena expansão, que se estabelece sob a égide da mobilidade e da associação temporária. Mas ao lado dessa figura levanta-se também uma outra, a do convertido, que espelha a entrada num regime forte de intensidade religiosa. Ora, com a desregulamentação das crenças e a crise das identidades religiosas herdadas, desencadeadas pela modernidade religiosa, cria-se o espaço propício para a emergência de crenças que buscam redescobrir uma identidade forte, capaz de atravessar as adversidades do

presente. A figura do convertido coaduna-se de modo significativo com a modernidade religiosa, uma vez que o processo de conversão sugere que a identidade religiosa é fruto da escolha individual, o que manifesta e afirma, assim, o caráter de autonomia que subjaz à tão aclamada noção de sujeito propugnada pelos séquitos da modernidade.

No intuito de elucidar a compreensão da pensadora francesa acerca da “modernidade religiosa”, Barrozo se detém, no segundo capítulo de seu livro, a caracterizar este conceito a partir de algumas noções, tais como crença, memória, transmissão e identificação, articulando-as entre si. Convém notar que apenas duas das categorias diretrizes a partir das quais o autor procurar enfeixar a inteligibilidade da noção de modernidade religiosa são tratadas nesta parte, a saber, os conceitos de memória e transmissão. A outra noção fundamental para a pretendida caracterização, a da emoção, só será explorada mais adiante, particularmente no terceiro tópico do último capítulo. O objetivo de Barrozo, ao definir esses conceitos e apresentar a sua relação intrínseca com a ideia de modernidade religiosa, é o de elucidar o modo como a modernidade, através de complexos processos de recomposição das crenças, apresenta mecanismos próprios de produção religiosa. Ora, como elucidada o intérprete, ao tentar compreender como se dá a transmissão de um patrimônio religioso e a formação de identidades religiosas nas sociedades modernas, Hervieu-Léger entende que essas sociedades se caracterizam por seu caráter amnésico, isto é, por serem destituídas de referência a sentidos transmitidos de geração em geração a partir de uma memória coletiva. O que se observa é que, ao contrário do que ocorria nas sociedades tradicionais, nas sociedades modernas deixa-se de assegurar a afirmação de uma memória autorizada. Constata-se aí uma crise de transmissão, uma instabilidade de elaboração da cadeia da memória. As sociedades modernas não mais mantêm acesa a chama da memória coletiva, portadora de sentido, a fim de pensar sua própria continuidade e, assim, arquitetar o seu futuro. Regidas pelo imperativo do imediato, tais sociedades definem-se cada vez menos como sociedades que

salvaguardam a memória coletiva e, por isso, são concebidas como amnésicas. O caráter amnésico dessas sociedades se alastra sobre todos os estratos sociais atingindo sobretudo a esfera religiosa. Ora, o que justamente define a religião, para Hervieu-Léger, é a característica de transmissão e perpetuação da memória de um acontecimento fundador original ou mito fundante através de uma linhagem religiosa ou linha de crença. Todavia, observa-se nas sociedades modernas uma dificuldade de transmissão das identidades religiosas de uma geração para outra. Nelas ocorre um processo de desinstitucionalização e fragmentação do campo religioso, que se exprime no desligamento de boa parte de fieis tradicionais de sua identidade religiosa herdada. O que se verifica, em última instância, é que o indivíduo moderno pauta-se pela liberdade de escolha no âmbito religioso, sem ter a necessidade de se conformar com as verdades ou ditames de uma determinada instituição religiosa. Instaurando um processo de bricolagem, o sujeito não se filia necessariamente a uma determinada tradição religiosa, mas recolhe elementos de uma e outra conforme as suas próprias convicções e desejos, conferindo certa dinamicidade às suas crenças e escapando continuamente das tentativas de regulação por parte das instituições religiosas. Nesse processo de subjetivização das crenças religiosas, os indivíduos compõem o seu sistema religioso sem uma relação mais precisa com um corpo de crenças legitimado institucionalmente. Eles tendem a manifestar resistências a quaisquer imposições advindas das instituições religiosas. A crença e a participação religiosas atravessam agora o crivo da consciência individual, tornam-se matéria de opção. Concebida como um dado pessoal e assunto de ordem privada, a crença deixa de ser caracterizada como algo que deve ser transmitido para os outros. Desta sorte, a identidade religiosa não é mais herdada, não mais se constitui em um legado transmitido às gerações posteriores e por elas acolhido. Antes, ela se produz de modo dinâmico, no qual o próprio indivíduo é o agente precípua da construção de suas crenças. Daí que Hervieu-Léger se refira a esse processo como trajetórias de identificação, sublinhando seu caráter de constante movimento e fluidez. A modernidade religiosa caracteriza-se, assim, por esse processo de subjetivação e individualização

das crenças e práticas religiosas, nas quais o indivíduo se põe a tecer sua própria identidade religiosa, sem referência a uma herança religiosa herdada. Barrozo percebe e sublinha a insistência da autora francesa quanto a essa ideia de uma religiosidade inteiramente centrada no indivíduo e em sua realização pessoal. Cabe enaltecer o esforço do intérprete em articular, neste segundo capítulo de seu livro, o pensamento de Hervieu-Léger com a tradição sociológica com a qual ela dialoga em seus escritos. Exemplo disso é o que ocorre, por exemplo, com o conceito de memória, auferido do corpus sociológico de Maurice Halbwachs e consignado na obra hervieu-légeriana *La religion pour mémoire* (1993), cuja elucidação feita por Barrozo impõe-se como fundamental para a compreensão do pensamento da autora acerca da questão da transmissão da religião, cuja precariedade é constatada no contexto da sociedade moderna.

Caminhando na esteira das reflexões hervieu-légerianas, Barrozo procura, enfim, num terceiro capítulo, delinear os contornos da nova economia do religioso, demonstrando tanto a peculiaridade que a religião assume nesse contexto, bem como a diversidade de formas religiosas e modalidades de validação das crenças. Por um lado, identifica o individualismo como o traço peculiar dos novos movimentos religiosos. Por outro lado, o intérprete constata um aprofundamento e intensificação da experiência emocional no âmbito religioso. Amalgamadas pela emotividade exacerbada e pelo subjetivismo, as formas religiosas modernas se fenomenizam, assim, de modo diverso em relação às de outrora. Assinala-se, assim, a especificidade dos novos movimentos religiosos, marcados sobretudo pela tendência à constituição de uma religiosidade de comunidades emocionais e pela individualização e subjetivação das crenças desalojadas da tutela e da sanção das instituições religiosas. Conformando-se cada vez menos a modelos estabelecidos, as crenças não desaparecem, mas, ao contrário, tendem a se disseminar, diversificando-se numa pluralidade cada vez mais crescente. Constata-se, assim, o desenvolvimento de um processo de “atomização individual” e de multiplicação de pequenas comunidades alicerçadas na afinidade social, cultural e espiritual de seus

membros. A pluralização das formas de crença, por sua vez, engendra a diversificação das instâncias de validação da crença que, por conseguinte, gerarão diversos tipos de vínculos a esta crença.

Uma vez que a totalidade dos livros de Hervieu-Léger não se encontra ainda traduzida para a língua portuguesa, salvo alguns artigos em revistas especializadas e poucas obras, o livro de Barrozo emerge como uma oportunidade segura ao leitor brasileiro de inaugurar seus passos no conhecimento das noções cardeais da obra da socióloga francesa no que tange à complexa relação entre modernidade e religião. Se for correto afirmar que a problematização do pensamento da autora não constitui o seu fim último, o texto desse intérprete apresenta-se, todavia, como um profícuo subsídio para todos aqueles que se aventurem a perscrutar a originalidade da reflexão levada a cabo por Hervieu-Léger sobre o papel da religião na modernidade em meio às transformações inerentes a essa época.